

*Ataliba Teixeira de Castilho e a Regra Conversacional AP*

Rodolfo Ilari  
(*IEL-Unicamp*)

Há um aspecto de nossa vida associativa que muitos colegas lingüistas não chegam realmente a conhecer. Trata-se da relação entre as diretorias das associações científicas que nos representam e as chamadas ‘instituições hospedeiras’ que abrigam nossos encontros. O episódio que vou contar aqui se enquadra na história dessas relações que, ao contrário do que deve pensar a maioria, costumam ser para lá de atribuladas.

Corria o ano da graça de 1978. O *Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo* tinha organizado com bastante sucesso seu 18º e seu 19º seminários – respectivamente em Batatais e Mogi das Cruzes – e, durante este último, a Faculdade Coração de Jesus, de Bauru, tinha formalizado o convite para sediar o seguinte.

Foi assim que, numa ensolarada manhã de julho, com o propósito de acertar os detalhes operacionais do próximo seminário, o secretário do GEL e eu, então presidente, saímos de Campinas rumo a Bauru, num Chevette cor de cenoura.

Recebeu-nos a madre superiora que dirigia a Faculdade, acompanhada por uma freirinha miúda, de ascendência oriental. Cumprimentos, sorrisos e muita cordialidade. Mas, assim que entramos no assunto que era motivo de nossa visita, a irmãzinha de olhos puxados pescou nas dobras de seu hábito uma minúscula calculadora, e a partir desse momento tudo que se dizia em torno daquela mesa começou a virar número, e mais, precisamente, *input*, para uma série de estra-

nhos cálculos que levavam inexoravelmente à mesma conclusão: o seminário traria custos para a hospedeira (que novidade!) e por isso deveria ser cancelado. Não adiantava tentar envolver a Madre Superiora: impassível em seu hábito como um retrato de pintor holandês do século XVII, ela ouvia e sorria, e parecia abençoar com um movimento quase imperceptível da cabeça a decisão de sua subordinada, que – para usar uma expressão polida – nos mandava às favas. Ou, talvez, a Santa Madre não ouvisse nada, quem sabe, ela estava no último círculo do paraíso de Dante, ocupada em ouvir em primeira mão a oração de São Bernardo de Claraval à Virgem Santíssima.

Eu é que não estava para bem-aventuranças. Ao perceber que nosso seminário tinha ido para o bebeléu, soltei os cachorros: ia voltar a Campinas e escrever imediatamente uma circular para nossos 500 associados (que, naquela época, não eram quinhentos, mas duzentos, se tanto, e ainda por cima insolventes desde tempos imemoriais, em sua maioria). Nessa circular, eu ia contar, com todas as letras que a Faculdade Coração de Jesus tinha nos dado o maior dos canos. Disse isso achando que causaria o maior impacto mas, para falar a verdade, não sei se minha declaração incomodou aquelas santas criaturas, porque o esforço de dizer me lançou numa espécie de estupor. Minha mente procurava vingança, tentando achar um nome para aquela dupla de mulheres de cabeça enfaixada que acabava de nos puxar o tapete: a mindinha, esperta em calcular, e a mata-piolho, que dizia amém sem mover um músculo do rosto.

Foi aí que meu companheiro partiu para uma das mais sofisticadas operações diplomáticas de que tenho lembrança. Do fundo do meu estupor fui percebendo que ele estava falando do prédio da faculdade, uma maravilha da moderna engenharia, que havia sido

construído com um espelho de água no teto, e o espelho de água tinha rachado de ponta a ponta num daqueles verões da Noroeste, quando todo o capítulo das irmãzinhas tinha partido de férias para uma casa da congregação no sul das Minas Gerais. Logo mais, meu companheiro estava falando da Irmã Arminda, partida deste mundo em cheiro de santidade, e que, àquela altura, tinha virado nome de rua. No momento seguinte, o assunto já era a linha litúrgica dos bispos de Bauru e São Paulo, e suas respectivas linhas políticas... Eu estava morrendo de raiva: freiras, bispo, cardeal, faculdade, prédio, piscinas que evaporam e piscinas que vazam, minha única vontade era mandar tudo ao raio que o parta e vir embora sem mais conversa-fiada.

Mas, agora, como por encanto, ou melhor, como se um novo dia estivesse acabando de amanhecer, as pessoas à minha frente estavam falando do GEL realizado em Bauru alguns anos antes: grande repercussão junto ao MEC. Mas esse GEL tinha deixado altos prejuízos para a faculdade, porque nossos colegas gelistas, mal acostumados a mordomias, tinham tomado de assalto os frigo-bares dos respectivos hotéis, acabando com o estoque de uísque (autêntico ou falsificado) de toda a região administrativa. Mais um instante e o assunto (eu acompanhava calado e não conseguia acreditar no que ouvia) era de novo o próximo encontro do GEL, que poderia ser realizado sob o patrocínio da Sagrado Coração (alguém tinha dito que não?), mas com uma condição que não era afinal tão severa: os participantes beberiam álcool por sua conta e os conferencistas convidados abririam mão de seu cachê (quem tinha falado em cachê para os conferencistas convidados?). Além disso, seria preciso encontrar alguma solução para reduzir os custos de hotel.

Ainda tenso e incapaz de articular uma só palavra, eu ia me ligando aos poucos na conversa, quando a irmãzinha fez a proposta salvadora: por medida de economia, as freiras abrigariam em sua clausura um certo número de mulheres – só mulheres, bem entendido (porque assim reza o preceito sinodal), e – *conditio sine qua non* – mulheres de conduta sabidamente casta e, de preferência, ilibada (assim me pareceu entender).

– Como são as associadas do GEL? – perguntou-me então à queima-roupa a irmã que calculava.

A pergunta era para mim, e me tirou definitivamente do sério. Ainda sob o impacto do possível cancelamento do encontro, só consegui pensar que não cabe ao presidente de uma associação científica fiscalizar o uso a que os associados e as associadas dedicam suas respectivas privacidades, e ia responder com uma grosseria qualquer para pôr fim de vez àquela conversa (do tipo “as mais recatadas seriam capazes de seduzir o próprio Matusalém”, ou “fazem xixi com a porta aberta”), quando senti, por baixo da mesa, que alguma coisa me apertava com força uma perna logo acima do joelho. Era a mão do secretário do GEL que, antecipando-se ao despautério que eu iria dizer, evitou daquela forma que eu abrisse a boca, e tomou a palavra em meu lugar.

– Só moças de família, gente disciplinada, como convém a quem faz ciência...!

Foi assim que (ao menos naquele dia e para aquelas interlocutoras) evitei comprometer a reputação de nossas colegas de GEL, a tal ponto que algumas puderam desfrutar do privilégio consentido a poucos de dormir numa clausura por três noites. E foi assim também que o seminário do GEL de outubro de 1978 se realizou na Universidade Sagrado Coração de Jesus de Bauri, sem luxo, mas com muito envolvimento do

pessoal da casa, e até com alguns cartões de prata homenageando nossa diretoria.

A par de tantas outras, o GEL tem mais essa dívida com meu companheiro de negociações daquele dia, Ataliba Teixeira de Castilho. Era um momento crucial para a sobrevivência de nossa associação, e a continuidade dos seminários permitiu que lançássemos, em boa hora, o segundo volume dos *Estudos Lingüísticos*. Não sei se essa publicação sobreviveria, caso os seminários sofressem solução de continuidade. O que conta é que sobreviveu, e foi por muitos anos a única publicação com periodicidade definida em nossa disciplina. Aí está mais uma dívida que a Lingüística de São Paulo (e do Brasil) tem para com nosso amigo e colega.

Às vezes, lembro do episódio, e ainda fico perplexo. Não achei um bom nome para a dupla de freiras, a gorda fleugmática que sorria para dizer um “sim” que significava “não”, e a miudinha nervosa que calculava. Na verdade, penso que não é mais necessário. Em compensação, acho que descobri uma regra que interessa a todos os analistas da conversação, ao menos como hipótese de trabalho a ser testada. Aí vai ela:

**REGRA CONVERSACIONAL – AP –** Para capturar o turno da conversação, meta a mão por baixo da mesa, e aperte com a força possível a perna do companheiro que vai falar, sem que ninguém perceba. Seu companheiro ficará momentaneamente paralisado e aí o turno é todo seu.

Essa regra não é categórica, senão probabilística. Funciona melhor em presença de duas freiras, e melhor ainda se uma delas for gorda e falsamente abúlica, e a outra magrinha e elétrica. Requer um companheiro que não tem dó de apertar a perna do vizinho, e outro que não grita quando é apertado. Outro ponto crucial é o seguinte: a mão que aperta convém que seja de alguém dotado de larga diplomacia e reconhecida liderança. No pequeno episódio que contei, ela funcionou à perfeição porque nosso colega – e nosso mestre – Ataliba Teixeira de Castilho tem diplomacia e liderança para dar e vender, *inter alia*.

O que não é novidade para ninguém que o conhece.

Campinas, agosto de 2001